

Fazendo
meu filme

PAULA PIMENTA

Fazendo
meu filme

FANI NA TERRA DA RAINHA

2



GUTENBERG

Existe uma coisa deliciosa em
escrever aquelas primeiras palavras de
uma história. Você nunca pode dizer
exatamente aonde elas irão te levar.
As minhas me trouxeram aqui.

(Miss Potter)

*Para ver as cenas dos filmes e ouvir
as músicas dos CDs, visite:*

www.fazendomeufilme.com.br

Prólogo

De: Leo - Para: Fani

CD: Me deixe só... até a hora de voltar.

1. Lucky - Jason Mraz e Colbie Caillat
2. Here without you - Three Doors Down
3. Você - Paralamas do Sucesso
4. Please don't go - Double you
5. Love song - 311
6. O que eu sempre quis - Leoni
7. I promise myself - Nick Kamen
8. Far away - Nickelback
9. Grão de amor - Marisa Monte
e Arnaldo Antunes
10. Right here waiting - Richard Marx
11. Wherever you will go - The Calling



De: gabizinha@netnetnet.com.br
Para: fanifani@gmail.com
Enviada: 06 de janeiro, 20:41
Assunto: Missing you already!!

Faniquita, e agora? Me diz como é que vai ser! Você viajou há pouco mais de três horas e eu já estou morrendo de saudade! Eu sei que eu não deveria estar escrevendo isso, que devia estar te dando força e tal, mas quem vai ME dar força??? Estou aqui, em plena sexta-feira à noite, cadê você pra me telefonar obrigando a ir às estreias do cinema? E amanhã não vai melhorar muito, férias pra quê se eu não tenho a minha melhor amiga pra ficar horas no telefone ou simplesmente ficar fazendo *nada* no shopping? Ok, eu posso fazer nada no shopping sozinha, mas fazer nada sem você não vai ter graça nenhuma.

Droga. Eu realmente não devia estar te falando essas coisas. Mas é que eu estou chorando aqui. Chorando. Eu. Imagina. Minha mãe já veio perguntar se eu preciso de alguma coisa. Eu preciso que ela te traga de volta. Droga. Eu não devia te falar isso também. Bom, meu único consolo é que eu devo estar melhor do que o Leo... o que foi aquele beijo????????????? Ai, meu Deus, agora estou aqui imaginando como VOCÊ deve estar, como eu sou egoísta, estou aqui falando de mim sem nem me preocupar com você. Vou escrever o que você com certeza vai me perguntar nos próximos 489328429 e-mails que me escrever. Vou te contar o que aconteceu depois que você foi embora.

Você entrou naquela sala de embarque, aquele drama de novela, todo mundo que estava se segurando pra não chorar na sua frente perdeu a

pose e começou a chorar pra valer, isso inclui seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua cunhada, a Juju (que eu acho que nem estava chorando por sua causa, mas sim porque ninguém estava dando atenção a ela, que queria de todo jeito um milk-shake do Bob's), suas tias, primas, avós, eu, a Natália e... o Leo. É, o Leo chorou, mas pode ir tirando esse sorriso do rosto aí porque foi só um pouquinho. Na hora em que eu olhei pra ele e vi, ele meio que passou a mão no nariz e fingiu que estava gripado, até um espirro fajuto ele fingiu, mas EU SEI que ele estava chorando e que deve ter chorado mais um tempão depois que nós deixamos ele em casa. Aposto que deve estar chorando até agora, com a dona Maria (Maria de que, Fani? Esqueci o nome da mãe do Leo!) fazendo cafuné nele. Aliás, ela deve estar com a maior raiva de você, por ter deixado o filhinho dela naquele estado. Mentira, não precisa ficar desesperada, tenho certeza de que a mãe do Leo nunca ficaria com raiva de você.

Mas aí foi isso. Uma choradeira sem fim. Depois, o pai da Natália nos chamou, já que tinha que voltar para o trabalho, a gente se despediu dos seus pais e irmãos, que ficaram lá pra comprar o milk-shake da sua sobrinha, sua mãe fez com que eu promettesse que ia ligar pra dar notícias suas assim que você me mandasse alguma (ela tem certeza de que você vai me escrever muito antes do que pra ela - ai de você se não fizer exatamente isso!) e pronto. Ninguém falou nada no carro, estava o maior clima de velório. Eu e a Natália não tivemos nem pique pra conversar, apesar de eu estar doida pra saber o que ela achou do seu final feliz (começo feliz?). Na verdade, eu quero saber é o que VOCÊ achou! Me escreve urgentemente porque eu estou realmente curiosa pra saber como foi que rolou aquele beijo! Não entendi nada, deixamos vocês

dois conversando e, quando olhei pra trás, já estavam agarrados. Como vai ser esse namoro a distância (é namoro ou amizade???)

Já estou com saudade. E triste. E com MAIS saudade. Ah, anda e escreve logo. Nada de amarrar informação. Quero saber tudo!! Cada impressão, cada detalhe, cada cenário, TUDO!

Beijo enorme!

→ Gabi ←

P.S.: E o CD que o Leo te deu? Já escutou? Que pergunta a minha, aposto que você deu um jeito de pedir um CD-player emprestado pra alguém dentro do avião! Ele seguiu a linha do outro, falando através das músicas ou gravou aquelas músicas de "trance" de que ele gosta? Seria o cúmulo do absurdo, fala sério...



De: natnatalia@mail.com
Para: fanifani@gmail.com
Enviada: 07 de janeiro, 10:25
Assunto: Notícias?

Oi, Fani, já chegou? Não lembro quanto tempo você falou que seu voo demorava, mas você levou o laptop, dava pra pegar um *wireless* no aeroporto, por que não escreveu ainda? Se já tiver escrito pra Gabi, eu te mato! Faz favor de me mandar notícias primeiro, sou sua amiga há muito mais tempo do que ela! Acabei de acordar neste minuto e a primeira coisa que fiz foi ligar o computador pra ver se você já tinha escrito!

Aqui hoje está fazendo o maior sol, vou pro clube, pode deixar que vou vigiar o Leo direitinho pra você. Se bem que eu nem sei se ele vai, deve estar chorando até agora. Tão bonitinho

ele chorando, Fani... fiquei morrendo de pena, deu pra ver que ele estava se segurando, só não tirei uma foto das lágrimas na bochecha dele porque a Gabi não deixou. Eu perguntei pra ele no carro como ele estava, mas ele não me deu muito papo, falou que estava bem e devolveu, perguntando como EU estava. Como se isso importasse! Eu fiz questão de descer do carro na hora em que nós chegamos na casa dele, pra poder perguntar, longe do meu pai, se vocês estavam namorando. Ele não respondeu, deu só um suspiro e falou que depois a gente conversava. Mas eu preciso saber agora! Vocês estão namorando? Como vai ser? Vocês prometeram um pro outro que não vão ficar com ninguém enquanto você estiver aí na Inglaterra? Será que ele vai aguentar? Ai, desculpa, estou colocando minhoca na sua cabeça. Mas será que VOCÊ vai aguentar?! Ai, Fani, não sei se você deve se segurar, deve ter cada inglês mais gato do que o outro aí, estilo David Beckham, aproveita amiga!!!!!!! Deixa pra pensar no Leo depois que você voltar, aqui ele não arruma nada melhor do que você, pode deixar que eu vigio a Vanessa!

Tenho que ir logo pro clube, senão perco o sol. Quero voltar e já encontrar um e-mail seu, dá um jeitinho!

Ah, a Gabi comentou comigo que o Leo gravou um CD pra você. Fani, preciso dessa "set-list", escreve aí que eu quero ouvir tudo no You Tube, pra saber o que ele quis te dizer dessa vez!!

Um beijinho!

Natália ♥

*Fani, seu irmão te falou alguma coisa sobre mim? Aquele seu papo de "cuida bem da minha amiguinha", precisava disso? Fiquei sem graça demaaaaaaais! Nem consegui olhar pra cara dele depois. Só dei umas olhadinhas quando vi que

ele não estava olhando, ele tava gato demais com aquele cavanhaque, aff!!



De: pripriscila@globomail.com

Para: fanifani@gmail.com

Enviada: 07 de janeiro, 17:21

Assunto: Oiê!

Oi, Fani!

Espero que você tenha chegado bem na Inglaterra! Estou escrevendo porque nem deu tempo de a gente conversar depois que você leu a carta do Leo. As respostas para as nossas dúvidas estavam nela? Acho que sim, porque pelo beijo que o Leo te deu, ai, ai... de tirar o fôlego, parecia mesmo um filme com final feliz!

Amiga, o que eu te disse no banheiro é sério, tenho certeza de que vocês dois vão ser muito felizes quando você voltar, mas agora não fica pensando só nele, tá? Aproveita muito tudo aí, sei que ele vai te esperar, o Rodrigo falou de novo comigo que o Leo está apaixonado por você, então, relax! Pode contar comigo, te enviarei relatórios do que estiver acontecendo por aqui, você sabe que o Leo conta tudo pro Rodrigo, que por sua vez me conta tudo!

Olha, por que vocês não combinam que cada um pode ficar com quem quiser enquanto você estiver viajando? Tipo um namoro aberto? Bom, isso seria o que eu faria, acho que o Rodrigo concordaria comigo, afinal um ano sem beijar ninguém é duro, né, amiga?

O importante é você aproveitar a vida! Quem me dera estar no seu lugar!

Um grande beijo!

Priscila



Annie Braddock: Há uma crença popular entre os antropólogos que diz que você deve mergulhar em um mundo desconhecido a fim de compreender verdadeiramente o seu próprio.

(O diário de uma babá.)

Parece que eu estou em um sonho. Não. Parece que eu estou em um filme. Um filme sem legendas.

Desde que entrei naquele túnel, que nos leva ao avião, foi como se um dublê tivesse tomado o meu corpo e estivesse fazendo as cenas para mim. Meu assento era ao lado do de um menino que também estava indo fazer intercâmbio, o Luiz Carlos, que eu já conhecia dos encontros de orientação. Ele ficou preocupado comigo de verdade! Também não era pra menos, eu não conseguia parar de chorar! A aeromoça também ficou meio aflita, veio me perguntar se eu estava com medo, disse que eu não precisava me preocupar porque estava tudo correndo muito bem no voo. Ela me deu até uma barrinha de cereal a mais. Eu tive vontade de falar pra ela que o meu problema não era no estômago,

e sim no coração! Mas eu não disse nada, só continuei chorando e olhando Belo Horizonte ficar cada vez menor pela janelinha do avião...

Nós descemos no Rio de Janeiro para fazer conexão, o Luiz Carlos se despediu de mim, já que ia pegar um avião para a Nova Zelândia, e depois a moça da companhia aérea me levou até dentro do meu avião com destino à Inglaterra, não sei se ela faz isso com todos os menores de idade ou se foi só por pena da minha cara de choro.

Nesse novo avião havia mais cinco intercambistas de várias partes do Brasil indo para a Inglaterra, três meninos e duas meninas. Nenhum deles estava chorando como eu, mas todos tentaram me consolar. Eles ficaram me contando sobre a cidade da Inglaterra para onde cada um deles estava indo, me dizendo como eu era sortuda por estar indo pra Brighton (segundo eles, a cidade onde tem mais balada no mundo!) e inventando um monte de brincadeiras para me distrair, mas foi só quando começou a passar o filme *Noivas em guerra* (dei três estrelinhas), que ainda nem tinha estreado em BH, que eu me concentrei em outra coisa além das minhas lágrimas.

Depois acabei dormindo e quando acordei já estava quase na hora de o avião pousar em Londres. Foi a conta de tomar o café da manhã que a aeromoça serviu, dar uma passadinha no banheiro pra escovar os dentes e arrumar o cabelo, e o avião pousou. Anotei o e-mail dos outros intercambistas, e aí cada um foi procurar a sua mala.

Nessa hora, me senti como o Macaulay Culkin em *Esqueceram de mim*. Eu olhava para um lado, para o outro e não via ninguém conhecido, pessoas tão diferentes das que eu estava acostumada a ver, outras roupas, outros cabelos...

Fiquei esperando as malas passarem, pensando em como ia fazer para carregar tudo. Mas aos poucos a esteira foi ficando vazia e nem sinal das minhas. Comecei a procurar os outros intercambistas, para ver se algum deles ainda estava

esperando também, mas não avistei mais ninguém. Um desespero gigante começou a tomar conta de mim!

Cheguei perto de uma moça, que estava usando um crachá do aeroporto, para perguntar se todas as malas já tinham chegado, mas foi só quando eu falei “oi” é que me lembrei que ali não era bem “oi” que eu deveria falar e sim “hi”! A moça me olhou, falou qualquer coisa que eu não tenho ideia do que seja e, vendo que eu estava com o meu uniforme de intercambista cheio de bandeirinhas brasileiras, perguntou: “Brasil?”, ao que eu fiz que sim vigorosamente com a cabeça.

Ela então chamou um senhor de terno que estava por perto, também com crachá, e falou algo naquela língua que deveria ser inglês, mas que naquele momento me pareceu grego! Ele se virou para mim e falou com um sotaque, mas graças a Deus, em português: “Olá, precisa de alguma ajuda?”.

Eu quase comecei a chorar de novo, dessa vez de felicidade, por encontrar alguém que pudesse me entender. Eu expliquei a ele que já estava esperando as minhas malas há um tempão, mas que elas ainda não tinham aparecido, e que eu estava meio desesperada porque pessoas que eu ainda não conhecia me esperavam do lado de fora e eu estava morrendo de medo de elas irem embora.

O senhor, que pelo crachá se chamava Mr. Thompson, pediu para ver a minha passagem e me deixou esperando ao lado da moça do balcão, enquanto ele checava o que estava acontecendo. Depois do que pareceram horas, mas que na verdade não deve ter sido mais do que cinco minutos, ele voltou e pediu que eu o acompanhasse até o guichê da companhia aérea. Só na hora em que chegamos lá é que eu entendi que realmente minhas malas não tinham vindo no mesmo avião do que eu, foram extraviadas e estavam perdidas em algum lugar do mundo...

Enquanto eu preenchia um formulário para que eles pudessem tentar localizá-las, o Mr. Thompson foi até o serviço

de informações do aeroporto e pediu para que eles chamassem pelo som o nome dos meus pais ingleses – Mr. Kyle and Mrs. Julie Marshall – já que naquelas alturas eles não deviam estar mais na saída do desembarque.

Ao ouvir o chamado pelo alto-falante, comecei a olhar para todos os lados, esperando ver o rosto daquelas pessoas que eu só conhecia por foto. Um minuto depois, avistei dois meninos lourinhos apostando corrida em minha direção. O menor chegou primeiro e por pouco não me derrubou. Em seguida chegou o maiorzinho que, arranhando um espanhol, disse: “Buenas tardes, señorita! Soy Teddy! Bienvenida!”.

Eu não sabia se ria ou se chorava. Logo atrás chegou uma menina bonita, alta, seguida de um casal também muito bonito. Ali estava a minha nova família, as pessoas com quem eu iria passar um ano.

Depois de trocar abraços e sorrisos sem graça, eles me ajudaram a terminar de preencher os papéis, a companhia aérea prometeu que no dia seguinte eu receberia em casa as minhas malas, e então fomos para o estacionamento.

Logo na saída do aeroporto tive meu primeiro choque cultural. Nunca senti tanto frio! Eu costumava dizer que era friorenta, porque vivia com as mãos geladas ao menor sinal de vento, mas naquele momento descobri que frio era uma sensação que eu ainda não tinha passado na vida! O meu blazer era bem quente e, antes de sair para a rua, eu tinha colocado também uma blusa de lã que tinha levado na bolsa de mão, mas o blazer e a blusa não foram suficientes. Parecia que mil facas cortavam minha pele, eu comecei a respirar com dificuldade e quando soltava o ar, uma fumaça se formava na minha frente. Em outra situação eu teria achado aquilo superlegal, mas naquela hora eu só queria entrar em algum lugar mais quente, antes que eu virasse boneco de neve!

A Tracy, minha nova irmã, reparou, tirou imediatamente um cachecol que estava usando e o colocou em torno do

meu pescoço e do meu nariz. Notei, mesmo sem entender o que eles estavam falando, que os pais pediram para os meninos apressarem o passo para que a gente chegasse mais rápido ao carro. Assim que entramos, eles ligaram o aquecedor, e só aí é que realmente a gente foi conversar. Ou pelo menos eles conversaram e eu fiquei fazendo que sim com a cabeça.

Eu sempre ouvi dizer que o inglês britânico era mais bonito, mais correto... mas ninguém tinha me dito que era mais difícil! Eu estudei cinco anos de inglês, sempre tiro total nas provas do colégio, entendo perfeitamente qualquer filme de Hollywood sem precisar de legenda... mas ninguém nunca me preparou para a língua que falam neste país! Parece tudo, menos inglês. Mas, pelo visto, é isso mesmo que eu vou ter que aprender, se não quiser ficar muda durante um ano.

Com muita paciência e mímicas (e as poucas palavras de espanhol que meu “irmão” insistia em falar comigo, por mais que eu explicasse que no Brasil é português que a gente fala), eles me disseram que a gente ia dar uma volta por Londres para que eu já pudesse ter uma ideia da cidade antes de ir pra Brighton. Eles falaram que eu devia estar doida pra conhecer a capital da Inglaterra. Eu estava doida apenas pra conseguir entender direito o que eles estavam falando e pra parar de sentir frio, mas apenas sorri e agrade-ci. Em seguida, perguntaram se eu estava com fome e nem esperaram que eu respondesse, os meninos já começaram a brigar opinando sobre o restaurante onde iríamos almoçar. Foi só nessa hora que eu percebi que para eles já era hora do almoço. Eu ainda estava no fuso horário brasileiro, para mim eram oito e meia da manhã! Mas na Inglaterra já era hora de almoçar.

Demos as tais voltas por Londres. Passamos em frente ao Palácio de Buckingham, e eu comecei a me sentir realmente na terra da rainha. Confesso, porém, que eu nem me emocionei ao ver o Big Ben devido à preocupação com a

minha mala (eu não conseguia parar de pensar no que iria vestir depois de tomar banho... eu já estava com aquela roupa há umas 15 horas!), à falta de intimidade com aquelas pessoas totalmente novas na minha vida e – claro – à saudade que eu já estava do Brasil. Mas tentei sorrir e me mostrar muito agradecida.

Finalmente, depois de almoçarmos em um restaurante árabe (que graças a Deus tinha aquecedor), eles disseram que iam me levar para casa, pois eu devia estar bem cansada e querendo dormir um pouco. Acertaram em cheio. Voltamos para o carro e rodamos pela cidade até pegar uma estrada bem bonitinha. Eu ficava olhando tudo, tentando não perder nenhum detalhe, reparei que tinha um pouco de neve em alguns pontos e eles me disseram que tinha nevado há uma semana, mas que o frio ainda não tinha deixado descongelar tudo.

Depois de uma hora e meia de viagem, chegamos a Brighton. Eles fizeram questão de dar uma voltinha comigo pela cidade, pude ver de longe os pontos turísticos que eu já tinha pesquisado na internet, fiquei com vontade de ter comigo a minha máquina de retratos que estava dentro da mala, mas com certeza eu teria muito tempo para aquilo depois.

Quando chegamos em casa, já eram quatro da tarde pelo horário inglês. Eles moram no topo de uma colina, e a casa é bem bonitinha. Toda branquinha, de dois andares, com um campinho de futebol atrás e um balanço na frente. Abrimos a porta e demos de cara com um gato bem peludo, me olhando assustado. Ele miou e saiu correndo pela porta, e aí quem ficou assustada fui eu, mas eles se apressaram a me explicar que ele era assim mesmo, adorava dar umas voltinhas pela rua, mas sempre voltava, ao anoitecer, pra comer e dormir no sofá da sala.

Eles me mostraram o quarto onde eu ia ficar, todo cor-de-rosa, com cortinas branquinhas, cama de casal e uma

escrivaninha. A Tracy foi até o quarto dela e trouxe uma pilha de roupas para me emprestar. Ela falou que, enquanto minha mala não chegasse, eu podia usar o que quisesse e pedir mais se tivesse necessidade, que eu não precisava ter vergonha.

O menino mais novo, Tom, me pegou pela mão e me levou até o quarto dele para que eu conhecesse e disse que só estava bagunçado por causa do Teddy, com quem ele (infelizmente, segundo ele) dividia o local. Em seguida, ele e o irmão saíram me mostrando todos os cômodos da casa e fiquei ao mesmo tempo feliz por eles estarem me tratando tão bem, mas também muito sem graça por essa intimidade instantânea.

A minha mãe inglesa me trouxe toalhas e me ensinou a ligar o chuveiro. Ela disse que eu poderia chamá-la de Julie ou *mum*, qual eu me sentisse mais à vontade (decidi que a chamaria de Julie... afinal, mãe é uma só – mas eu não falei isso pra ela). Em seguida, perguntou o que eu gostava de comer e falou que eu podia pegar o que quisesse na geladeira.

Foi só quando saí do banho que eu me lembrei que precisava avisar aos meus pais que tinha chegado. Já deviam ser duas horas da tarde no Brasil e eu ainda não tinha dado notícia nenhuma. Coloquei a minha “cara de pau” e fui pedir a eles para usar o telefone. Eles não só disseram que sim, como também me ajudaram a telefonar, me mostrando os códigos que eu teria que discar antes do número da minha casa.

Eu realmente fiquei surpresa. Tudo estava correndo melhor que o esperado.

Desde a noite anterior, no avião, eu não tinha mais chorado, mas foi só ouvir o “alô” da minha mãe que tudo foi (literalmente) por água abaixo. Eu nem consegui responder. No lugar, só saíram lágrimas e mais lágrimas. A minha mãe, percebendo que era eu, começou a gritar para o meu pai pegar a extensão. Os dois começaram a me fazer milhões de perguntas ao mesmo tempo, como era a família, como era

a casa, como era a comida, como foi no avião... eu tentava responder em meio à choradeira, mas meus novos irmãos estavam me olhando de longe com os olhos arregalados, sem entender o motivo de tanto drama, então eu falei depressa que só tinha ligado pra avisar que tinha chegado bem, contei sobre as malas que não chegaram e avisei que depois eu telefonaria com mais calma, pra contar tudo direito, mas que eles não precisavam se preocupar porque pelo visto a família era realmente muito bacana. Meus pais pareceram ficar felizes, mas eu desliguei me sentindo desolada, daria tudo pra tê-los por perto naquele momento.

Exausta pelas emoções dos dois últimos dias, pedi desculpas pelo choro à minha nova família, expliquei que era só saudade e avisei que iria tomar banho. Em seguida vesti as roupas da Tracy, escovei os dentes, dei boa noite para todo mundo e me deitei, embora fossem apenas sete horas da noite.

Só quando já estava pegando no sono foi que eu me lembrei que tinha prometido mandar e-mails pra Gabi e pra Natália assim que chegasse... elas teriam que esperar até o dia seguinte.

Chorei até quase cair no sono. De repente, no que eu achei que já era um sonho, uma voz veio à minha cabeça: *“Eu vou te esperar, isso é só trailer...”*

Comecei a repassar cada minuto desde que o Leo tinha ido à minha casa se despedir de mim. Minha tristeza pensando que ele não iria ao aeroporto, minha euforia ao ler a carta que ele me escreveu, a surpresa ao vê-lo na minha frente e, finalmente, a felicidade daquele beijo.

Agora a gente estava a milhares de quilômetros de distância, mas, se ele fosse mesmo me esperar, todo aquele sofrimento valeria a pena. Pulei da cama, abri a minha bolsa de mão, peguei a foto dele, dei um grande beijo, coloquei-a debaixo do travesseiro e dormi, me lembrando daquele sorriso com covinha que eu havia aprendido a amar tanto...